

Farmacologização em pauta: interfaces entre educação e saúde

Alan Camargo Silva¹ 

Eduardo Pinto Machado² 

CECCIM, R. B.; FREITAS, C. R. (Orgs.). *Fármacos, remédios, medicamentos: o que a educação tem com isso?* Porto Alegre, RS: Rede Unida, 2021.

A coletânea “Fármacos, remédios, medicamentos: o que a Educação tem com isso?” (volume 1), publicada pela editora Rede Unida no ano de 2021, foi organizada pelo Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim e pela Prof^a. Dr^a. Cláudia Rodrigues de Freitas. As trajetórias formativas e as inserções profissionais ou de pesquisa dos organizadores permitiram a produção de uma obra atual e cada vez mais urgente no campo da Educação.

O Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim é mestre em Educação, doutor em Psicologia Clínica, pós-doutor em Antropologia Médica (Tarragona/Espanha), com estágio sênior em Políticas Públicas Sociais e de Saúde (Parma/Itália). Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande. Já a Prof^a. Dr^a. Cláudia Rodrigues de Freitas é pedagoga, mestra e doutora em Educação, com pós-doutorado (Cagliari/Itália). É professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As diversificadas experiências nacionais e internacionais de ambos contribuíram para uma perspectiva sensível e interdisciplinar na organização da coletânea.

O livro assume um lugar de destaque no cenário acadêmico e profissional do campo da Educação em interface com outros campos de saber. Primeiramente, defende-se que a obra faz parte de inúmeros estudos que buscam aproximar a educação em saúde das diretrizes e princípios do Sistema Único de Saúde. Em segundo lugar, este livro problematiza e avança na apresentação e discussão acerca do quadro

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

teórico-conceitual do campo da Saúde de forma clara e robusta para/com a Educação. Além disso, argumenta-se que os capítulos possuem uma potência pedagógica não somente para aqueles que transitam no campo da Educação, como também para aqueles profissionais que atuam nos locais e serviços de saúde. Acrescenta-se a preocupação dos textos da coletânea em tela no sentido de se pautar em distintos aspectos teórico-conceituais, tão caros para a Educação e Saúde.

Após o prefácio e a apresentação, a coletânea foi organizada a partir de quatro eixos de interlocução, totalizando 18 capítulos escritos por 41 autores(as): 1) Normalização, medicalização e patologização da vida e na escola; 2) Medicamentos, cuidado e redes de conversa entre educação e saúde; 3) Territórios de escuta, presença de afirmação da vida; 4) Medicalização e novos cenários à inflexão saúde e educação. O livro ainda conta com um posfácio.

O primeiro eixo intitulado “Normalização, medicalização e patologização da vida e na escola” foi composto por cinco capítulos. Destacam-se a relevância do trabalho coletivo em rede entre a instituição e a comunidade escolar, o questionamento sobre o lugar da deficiência face ao processo de medicalização, o estranhamento sobre os imperativos técnico-científicos de diagnósticos que atingem a trajetória de vida das crianças, a necessidade de debate sobre substâncias psicoativas na produção de um humano-objeto e, por fim, as relações entre a racionalidade médica e a medicalização do cuidado no que diz respeito aos fármacos na escola.

Os capítulos dessa seção preocupam-se com os impactos das classificações de desvio a partir de racionalidades duais entre saudável/patológico e normal/anormal ao longo da vida e, principalmente, no “chão da escola”. Os textos oferecem reflexões sobre como a medicalização e a patologização interferem no Outro ao secundarizar a diferença ou a singularidade das vidas e até que ponto a escola faz (ou pode fazer) parte da saúde individual e coletiva perante o imaginário social acerca da utilização de fármacos.

O segundo eixo, “Medicamentos, cuidado e redes de conversa entre educação e saúde”, traz quatro capítulos. Aborda a necessidade de analisar criticamente a construção coletiva e a participação ativa do sujeito diante dos tratamentos medicamentosos, a cogestão e autonomia de crianças e jovens ao longo dos processos de cuidado, a compreensão da medicalização como uma forma de reger o “ser” e o “estar” no mundo para além da prescrição de medicamentos em si e, por último, as redes dialógicas

de encontro entre a comunidade escolar e os agentes da Saúde e Educação no que diz respeito à medicação.

Os escritos pertencentes a esse segundo eixo tratam de como as relações entre todos os envolvidos de dentro e fora da escola são fundamentais para compreender os usos de fármacos na vida de adultos, jovens e crianças. Apreende-se que a medicalização e a farmacologização devem ser analisadas estrategicamente para além de uma ótica individual centrada apenas no usuário de medicamentos. Concretiza-se a ideia de que as articulações ou trocas afetivas de escuta e de experiência entre as pessoas nas instituições escolares ou até mesmo nos serviços de saúde reinventam, ressignificam e potencializam os cuidados em saúde em um sentido contextualizado de emancipação e ético com os usuários de medicamentos.

“Territórios de escuta, presença de afirmação da vida” é o título do terceiro eixo que aborda o tema com base em cinco capítulos: expõe a ausência de prazer no trabalho decorrente da precarização das estruturas organizacionais, analisa o processo de medicalização na Educação, a medicalização e o padecimento psíquico no ambiente escolar frente à estratégia neoliberal de desestruturação das instituições, as experiências de pesquisar com crianças na atenção psicossocial por meio de territórios de escuta e, por último, descreve a importância da existência de um processo de educação na atenção psicossocial, principalmente no que se refere ao “aprender sobre” os medicamentos.

Pode-se considerar que os escritos pertencentes ao terceiro eixo tematizam acerca do sofrimento psíquico originário do processo de precarização das estruturas escolares e sanitárias, que reverbera em um adoecimento psíquico dos profissionais envolvidos em tais esferas. O fio condutor que articula os capítulos deste eixo está baseado no processo neoliberal/neofascista adotado pelos governantes, que se reflete em problemas tanto com os que trabalham em instituições escolares e sanitárias, quanto com os que nessas estruturas são atendidos.

Por fim, o leitor tem a possibilidade de desfrutar de quatro capítulos vinculados ao eixo “Medicalização e novos cenários à inflexão saúde e educação”. Esse eixo é constituído por textos que se baseiam na análise do processo de medicalização no contexto dos famigerados “cursinhos pré-vestibular”, na importância da classe educacional hospitalar no processo de construção da subjetividade das crianças e adolescentes submetidos a tratamentos de saúde, no processo de medicalização e

de emergência de novos discursos alicerçados pelo biovalor que pode ser extraído da planta *cannabis sativa* e, por último, na necessidade de uma rede de proteção social a crianças e adolescentes com e sem deficiências que vivem situações de acolhimento institucional.

Os capítulos vinculados ao quarto eixo têm como escopo problematizar sobre o processo de medicalização em novos cenários, bem como em temáticas emergentes. Nos textos, é apresentada, como fio condutor, a relação entre Saúde e Educação e, entre elas, o processo de medicalização da sociedade neoliberal, além de como tais elementos perpassam diferentes esferas institucionais e distintas faixas etárias.

Ante os quatro eixos de interlocução, pode-se desnaturalizar ou visibilizar e viabilizar discussões sobre como os processos de patologização da vida social esbarram cotidianamente em inúmeras realidades e instâncias escolares. Atualmente, adultos/profissionais, jovens e crianças são classificados e tomados por discursos biomédicos que ditam ou geram critérios de (a)normalidade. O livro aponta criticamente como o campo da Educação caracteriza-se por um espaço privilegiado e rico de debates sobre fármacos, remédios, medicamentos e, ao mesmo tempo, como é refém de rótulos ou estigmas relativos ao adoecimento ou a determinados usos (ou abusos) do corpo.

Aos gestores das instituições sanitárias e escolares, o livro aguça a ideia de como os saberes e as práticas em educação em saúde podem alcançar efetivamente as experiências individuais e coletivas. Aos profissionais de saúde e aos educadores, a obra sensibiliza para uma perspectiva mais acolhedora e humanizada durante as intervenções ou no processo de ensinagem/aprendizagem com o Outro. Aos acadêmicos de diferentes níveis de formação, os capítulos fornecem subsídios teóricos, práticos e conceituais para o desenvolvimento de pesquisas ou de projetos de intervenção na intersecção entre Saúde e Educação. Ao público mais amplo, entende-se que a leitura desse livro permite pensar pedagogicamente o corpo, a saúde-doença e os fármacos/remédios/medicamentos para além de uma racionalidade médica universal, prescritivista e biologicista.

Em suma, aponta-se que, por vezes, os processos de medicalização e de farmacologização (WILLIAMS et al., 2011) voltados eminentemente aos elementos físico-orgânicos invadem o cenário educacional. Assim, no sentido de Galak (2014), sugere-se que a obra aqui resenhada abra não somente frentes de investigação ou de

intervenção sobre o tema, mas, sobretudo, que, cada vez mais, haja uma complexa compreensão epistemológica do corpo na Educação, considerando as múltiplas perspectivas teórico-metodológicas.

Referências

GALAK, E. L. Construir el cuerpo: lineamientos generales para pensar la especificidad de investigar “el cuerpo”. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 203-17, jul./dez. 2014. <https://doi.org/10.20500/rce.v9i18.1855>

WILLIAMS, S. J.; MARTIN, P.; GABE, J. The pharmaceuticalisation of society? A framework for analysis. *Sociology of Health and Illness*, Brighton, v. 33, n. 5, p. 710-25, jul. 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9566.2011.01320.x>

Submetido em: 06/07/2021

Aceito em: 24/08/2021

Sobre os autores

Alan Camargo Silva

Doutor pela Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: alan10@zipmail.com.br

Eduardo Pinto Machado

Doutor pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: eduardo.machado@ufrgs.br